

# AS LUTAS ANTI-COLONIAIS NA AMÉRICA LATINA: UMA APRESENTAÇÃO

Victória de Mello Fernandes<sup>1</sup>

Leonardo da Rocha Bezerra de Souza<sup>2</sup>

José Maycom da Silva Cunha<sup>3</sup>

O dossiê “As lutas anti-coloniais na América Latina contemporânea: desafios e potenciais das ciências sociais no século XXI” surge em um momento em que o continente latino-americano se encontra no epicentro das discussões globais sobre a colonialidade do poder, a crise neoliberal, catástrofes climáticas e as novas formas de dominação emergentes. No contexto atual, a América Latina é um espaço privilegiado para repensar as dinâmicas sociais e políticas que moldam o mundo contemporâneo, sobretudo devido às fortes influências dos movimentos sociais indígenas, negros, feministas e LGBTQIAP+. Autores como Aníbal Quijano (2005), Silvia Cusicanqui (2010), Lélia González (2020), Rita Segato (2021) e Enrique Dussel (2012) contribuíram e ainda têm contribuído significativamente para a construção de um campo crítico que expõe o eurocentrismo e a colonial-modernidade, ao mesmo tempo, em que propõem novas perspectivas para pensar a resistência e as lutas emancipatórias em um contexto de globalização e de ampliação de desigualdades de diversas naturezas.

O mundo em crise manifesta e observa com crescente preocupação as catástrofes e guerras cujas raízes estão profundamente interligadas às bases históricas da colonização e do capitalismo. O ressurgimento dos fascismos, impulsionado por

---

<sup>1</sup> Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Violência e Cidadania (UFRGS/CNPq), do Núcleo de Etnografias Urbanas (Cebrap/NEU), do Núcleo de Estudos sobre Crítica da Colonialidade. E-mail: mellofvictoria@gmail.com

<sup>2</sup> Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Membro do grupo de pesquisa Associativismo, Contestação e Engajamento (GPACE/UFRGS) e do grupo de pesquisa e extensão Território, Estado e Raça (TERRA/UFRGS). E-mail: lrb.souza@gmail.com.

<sup>3</sup> Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social na Universidade de São Paulo. Membro dos grupos de pesquisa Coletivo Arte, Saberes e Antropologia (ASA/USP), Gênero, Corpo, Sexualidade e Saúde (GCS/UFRN), e Materialidade, Arte, Religião e Espaço Público (MARES/UFRGS). E-mail: maycon1cunha@gmail.com

uma onda extremista e fundamentalista, reflete a crise estrutural do capital (Mészáros, 2011), atribuindo uma nova dimensão ideológica e econômica às discussões sobre o futuro do planeta e da vida humana. Nesse cenário de incerteza crescente, as questões sobre a sustentabilidade da civilização e do próprio sistema global de poder tornam-se ainda mais prementes.

É justamente nessa atmosfera de crise e de crítica que emergem os potenciais transformadores das ciências sociais. Este é um momento propício para a reinvenção das abordagens teóricas e metodológicas, que transgridem o conhecimento canônico e desestabilizam as narrativas tradicionais. O foco se desloca para as vozes que, social e historicamente, foram silenciadas, invisibilizadas e subalternizadas, em consonância com as reflexões de Gayatri Spivak (2010). É um chamado para que essas vozes não apenas falem, mas sejam ouvidas e integradas como agentes cruciais na construção de novos horizontes epistemológicos e políticos.

Nesse contexto, as ciências sociais assumem uma missão renovada, que vai além da mera autorreflexividade, exigindo um posicionamento crítico frente à imposição de um ideário produtivista e eurocêntrico, marcado pelos princípios de universalidade e totalização — expressões características do poder colonial ocidental. Esse modelo ignora deliberadamente as desigualdades e lacunas sociais que a história colonial deixou como legado. Estamos, portanto, diante da emergência de um novo paradigma, onde o interesse libertador e as possibilidades de emancipação ganham relevância nas lutas pela descolonização do saber e do conhecimento, oferecendo um vislumbre de esperança em um cenário dominado por profundas crises.

Essas lutas não se limitam à retórica, mas se manifestam em rupturas e transformações concretas. São lutas anti-coloniais que transcendem o diálogo, concentrando-se na quebra das correntes de dominação e na contestação do lugar que a América Latina ocupa na geopolítica do conhecimento. Afinal, pode-se afirmar que a América Latina produz teoria própria? Quais relações de poder moldam a produção e a circulação desse conhecimento? Para quem se destina essa produção intelectual, tanto nacional quanto globalmente? E como navegar em um mundo ainda preso

às estruturas coloniais, que continuam a se reinventar nas hierarquias globais e regionais, tanto econômicas quanto ideológicas?

Nesse cenário, as ciências sociais oferecem ferramentas valiosas para enfrentar essas questões. As novas pesquisas desafiam as formas tradicionais de saber, questionam a hegemonia eurocêntrica e abrem caminhos para pensar as lutas contemporâneas. Ao incorporar perspectivas pós-coloniais e decoloniais, essas pesquisas fornecem instrumentos teóricos e metodológicos que possibilitam uma crítica mais profunda das estruturas de poder e das desigualdades sistêmicas, oferecendo uma base sólida para a construção de formas de conhecimento e de ação mais inclusivas e emancipadoras.

Este dossiê propôs explorar, a partir das Ciências Sociais, outras abordagens que tensionam as práticas sociológicas, antropológicas e políticas em torno da colonialidade e seus efeitos contínuos nas sociedades latino-americanas. Com uma forte orientação pós e decolonial, os textos aqui reunidos buscam elucidar os desafios impostos pela persistência das estruturas coloniais nas formas contemporâneas de poder, incluindo as revoluções tecnológicas, as transformações e as consequências da Inteligência Artificial e os novos padrões globais de trabalho. A partir dessa lente, o dossiê visa aprofundar os diálogos sobre os dilemas éticos e morais que emergem diante das crises econômicas e sociais provocadas pelo modelo neoliberal, a um só tempo em que contribui para a construção de um olhar renovado sobre as formas de resistência e autonomia.

Com o foco nas experiências latino-americanas, o dossiê coloca em destaque as vozes e demandas dos movimentos populares e sociais, com base nas reflexões de autores como Ailton Krenak, Achille Mbembe, Bruno Latour e Lélia Gonzalez. Essas contribuições propõem uma crítica ao paradigma dominante eurocêntrico que, como argumenta Quijano, perpetua a colonialidade do poder e ignora a multiplicidade de sujeitos e suas agências. Ao conferir centralidade a esses atores historicamente marginalizados, como indígenas, negros e outros grupos subalternizados, o dossiê busca não apenas entender a complexidade das lutas anti-coloniais

contemporâneas, mas também delinear caminhos para uma transformação radical nas estruturas de poder, conforme sugerido por Krenak em sua defesa de uma “florestania”. Dessa forma, o dossiê promove diálogos entre outros posicionamentos ontológicos e epistemológicos, alinhando-se, também, com o perspectivismo ameríndio de Viveiros de Castro, e visa inspirar novas formas de pensar e agir no enfrentamento das crises globais, ampliando as bases de resistência e transformação.

Eduarda Paz Trindade explora, em seu artigo *Resistindo à barbárie e o fazer sociológico: Teoria do Ator-Rede e Teorias do Sul*, as possibilidades de construir um novo fazer sociológico, ao combinar a Teoria do Ator-Rede (TAR), de Bruno Latour, com as Teorias do Sul. A TAR propõe uma redefinição do social, considerando associações entre humanos e não humanos, e sugere que o social deve ser reconstruído em todas as investigações. As Teorias do Sul, por sua vez, criticam a imposição da sociologia euro-americana, que estabiliza o social e exclui diferentes formas de existência. A aproximação entre essas correntes teóricas permite superar o modelo sociológico hegemônico e incorporar perspectivas diversas, como as dos povos indígenas e outras populações marginalizadas, propondo um fazer sociológico que abarque as complexidades da realidade. Ao combinar as potencialidades críticas das Teorias do Sul com a flexibilidade da TAR, o artigo sugere uma nova forma de resistir às catástrofes sociais e ambientais contemporâneas. Esse caminho propõe que o conhecimento sociológico seja construído a partir de múltiplas associações e controvérsias, reconhecendo a agência de humanos e não humanos. A partir dessa perspectiva, é possível desenvolver metodologias que considerem as reivindicações geopolíticas negligenciadas pela sociologia hegemônica e abrir espaço para um diálogo entre saberes distintos. A união dessas teorias possibilita a criação de uma sociologia mais inclusiva, capaz de resistir à barbárie e à colonialidade.

O artigo *Diálogos entre o pensamento de Ailton Krenak e a Antropologia da Vida*, escrito por Rafael Conceição, propõe uma análise teórica entre o pensamento ameríndio de Krenak, presente em *Futuro Ancestral*, e a Antropologia da Vida. A obra de Krenak, ao criticar o modernismo e o capitalismo, oferece conceitos como “cultura sanitarista”, “confluências” e florestania”, que servem para repensar o papel da floresta e dos seres não humanos nas

concepções de mundo. A crítica ao paradigma moderno de separação entre natureza e cultura, e a incorporação da ontologia ameríndia, encontra respaldo na chamada “virada ontológica” da antropologia, que sugere uma visão contínua entre humanos e não humanos, rompendo com as divisões estruturais que pautaram grande parte da ciência social ocidental. O artigo destaca a conexão entre a ontologia ameríndia e o perspectivismo, conforme abordado por Eduardo Viveiros de Castro, e a crítica ao antropocentrismo. O pensamento de Krenak antecipa, por sua ancestralidade, caminhos que a Antropologia contemporânea explora em seus estudos multiespécies. Através do conceito de “florestania” e da noção de convivência com a natureza, Krenak propõe uma forma de reavaliar a educação e as relações com o meio ambiente, sugerindo que os seres do mundo, humanos ou não, devem ser reconhecidos como sujeitos. Essa reflexão oferece um paradigma transformador para o futuro, conectando saberes indígenas e acadêmicos na construção de um novo mundo.

Karolayne Gonsalves em seu artigo *Epistemologias do sul: reflexões teóricas na sociologia e nos estudos de gênero*, investiga as consequências das *Epistemologias do Sul* na Sociologia e nos estudos de gênero, discutindo a necessidade de questionar o cânone da sociologia clássica, que se baseia em autores do Norte Global como Marx, Weber e Durkheim. Utilizando uma revisão bibliográfica, o autor critica como a sociologia foi constituída, ignorando realidades coloniais e racializadas, e sugere a inclusão de perspectivas teóricas do Sul Global para abordar questões específicas do contexto latino-americano, como gênero e violência. O artigo explora, assim, a importância de autores pós-coloniais e teóricos de gênero que dialogam com essas questões, propondo uma sociologia mais inclusiva e conectada com as realidades do Sul. O ensaio também discute como os estudos de gênero foram desenvolvidos majoritariamente no Norte Global, com influências de teóricas como Simone de Beauvoir, Joan Scott e Judith Butler. Contudo, reconhece-se que essas abordagens, apesar de importantes, não contemplam plenamente as realidades de raça, classe e colonialismo presentes no Sul Global. Assim, o texto destaca autores latino-americanos, como Lélia Gonzalez e María Lugones, que propõem epistemologias críticas ao feminismo hegemônico e ao colonialismo, buscando criar um campo de

estudos que reflita as complexidades sociais e históricas da América Latina.

O artigo *Racismo e Biopolítica no Debate Pós-Colonial*, escrito por Hector de Oliveira Vieira, explora a relação entre racismo, colonialismo e as formas de poder no Brasil, abordando as desigualdades históricas e contemporâneas. Utilizando conceitos como biopolítica, de Michel Foucault, e necropolítica, de Achille Mbembe, o texto investiga como o racismo se perpetua desde a abolição da escravatura por meio da exclusão social, negação de direitos e desigualdades econômicas. A análise revela como as estruturas de poder, especialmente no contexto pós-colonial, continuam a operar sob lógicas racistas, mantendo formas de controle sobre a vida e a morte da população racializada. A segunda parte do artigo relaciona o racismo às estruturas de dominação, destacando como essas práticas são historicamente construídas e naturalizadas na sociedade brasileira. O conceito de necropolítica é utilizado para entender como o poder estatal e social decide quem deve viver e quem está à margem da proteção jurídica, refletindo um contínuo colonialista que se manifesta nas formas modernas de opressão, como a segregação socioespacial e a violência nas periferias. O artigo conclui enfatizando a necessidade de compreender o racismo no Brasil como um fenômeno estrutural e fundamental para analisar as dinâmicas de poder e exclusão contemporâneas.

Finalmente, gostaríamos de agradecer a todas e todos envolvidos no processo de tornar esse dossiê possível, desde os editores da Revista CSOnline, organizadores do dossiê, pareceristas e autores. Como sempre, a construção de um número de uma revista é um processo coletivo, longo e permeado por dedicação e compromisso com a proposta, mas, nesse caso, um compromisso ético-político com os temas abordados e com a possibilidade de tensionar e disputar espaços de produção de conhecimento e o próprio conhecimento. Desejamos a todos e todas uma frutuosa leitura, criação e tensionamento para presentes e futuras rupturas, a partir do diálogo com o dossiê!

## Bibliografia

CUSICANQUI, Silvia. *Ch'ixinakax Utxiwa: Una Reflexión sobre prácticas y Discursos descolonizadores*. Buenos Aires: Tinta Limón, 2010.

DUSSEL, Enrique. *Ética da Libertação na Era da Globalização e da Exclusão*. Petrópolis: Vozes, 2012.

GONZÁLEZ, Lélia. *Por um Feminismo Afro-latino Americano: Diálogos, ensaios e conferências*. RIOS, Flávia; LIMA, Márcia (Orgs.). Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

MÉSZÁROS, István. *A crise estrutural do capital*. São Paulo: Boitempo, 2011.

QUIJANO, Aníbal. *Colonialidad y modernidad/racionalidad*. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

SEGATO, Rita. *Crítica da colonialidade em oito ensaios e uma antropologia por demanda*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.